

Ao Fim da Memória

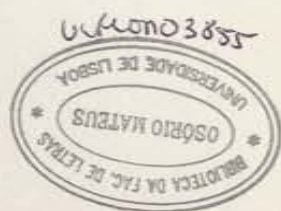
Fernanda de Castro



MEMÓRIAS
1906-1939

Verbo

FERNANDA DE CASTRO



AO FIM DA MEMÓRIA

Memórias [1906-1939]

Editorial VERBO

DA MEMÓRIA
AO FIM

Copyright by Fernanda de Castro

Capa: óleo de Sarah Afonso

Arranjo gráfico: Sebastião Rodrigues

Composto e impresso nas oficinas gráficas da

Companhia Editora do Minho — Barcelos

Abril de 1986

N.º Ed. 1693

Dep.º legal n.º 11030/86

No dia em que nasci, os meus pais discutiram por minha causa.

— Faltavam cinco para a meia-noite — afirmava peremptoriamente a minha mãe.

— Era meia-noite e cinco — rectificou o meu pai. — Bem sabes que o meu relógio nunca se adianta.

Tudo isto porque nasci por volta da meia-noite, mais minuto menos minuto, conforme os diferentes relógios da casa.

Conclusão: Meu pai, que se dizia ateu, decidiu que eu nascera aos cinco minutos de 9 de Dezembro. Minha mãe, católica praticante, afirmava que eu nascera nos últimos cinco minutos do dia 8, dia de Nossa Senhora da Conceição. Assim, para tudo o que é oficial, passaporte, B. I., etc., nasci a 9. Para a minha família, porém, para os amigos, para a festinha de anos, para as prendas, para o arroz-doce e leite-creme polvilhados com canela, nasci a 8, e assim tem sido sempre, e assim será até ao fim.

Surpreendi-me agora a sorrir. Se lá onde estão podem ver o que se passa cá em baixo, a querela continua.

— Bem sabes que o meu *Omega* nunca se engana.

Ao que a minha mãe responde:

— O dia oito é um dia mais bonito, o dia da Nossa Senhora, Padroeira de Portugal.

E vejo-a muito feliz, com as flores, as prendas, as velas, a fita vermelha, com que, a muito custo, conseguiram prender-me os cabelos rebeldes.

Há pessoas que se lembram de coisas que lhes aconteceram aos quatro e até três anos de idade. Não é o meu caso; por mais que pense, que force a memória, só me lembro de coisas vagas, de frases soltas que parecem sem sentido e, mesmo assim, pelas minhas contas, nada antes dos meus cinco anos. Lembro-me, por exemplo, de estar no campo sentada debaixo de uma árvore e de ouvir gritar: — Fugam, fugam, anda aí um touro tresmalhado!

Uma vez entrei de mão dada com a minha tia Castelo num lugar onde havia bolos de muitas cores, uma pastelaria, com certeza.

— Tem violetas? — perguntou a minha tia.

Ah!, como me lembro bem do som das patas dos cavalos, no chão empedrado da cocheira, quando havia visitas e eu dormia numa cama de chão, na sala. Sempre que havia trovoadas, fâmos todos para cima da cama da minha bisavó, embrulhados em cobertores de papa. A minha ama gritava:

— Santa Bárbara, valei-nos! Valei-nos, Santa Bárbara!

Uma vez a minha mãe, que era miope, tentava ler o letreiro de um eléctrico. Eu soletrei:

— Rossio.

Estupefacta, a minha mãe perguntou-me:

— Tu sabes ler?!

Mas eu não sabia, sabia só juntar algumas letras, graças à costureira Jacinta, graças sobretudo a uns cubos que me tinham dado com letras encarnadas e azuis. Longe, mais longe, nos confins da memória, a Carolina a gritar:

— Um lobisomem! Um lobisomem!

Arrastada pelos braços, aterrada, estive dois dias sem poder falar.

A primeira recordação nítida, sem aquela espécie de nevoeiro que envolvia as outras, deve ser dos meus cinco anos e meio, data confirmada pela família: Eu tinha febre

e o médico mandou-me tomar quinino. Estava então a passar férias no campo, para os lados de Belas ou do Cacém, com a minha tia Castelo, que foi à botica aviar a receita. O quinino vinha embrulhado em papel de seda, papel de mortalha, e devia engolir-se assim mesmo, com papel e tudo. Mas a minha tia não sabia, deitou fora o papelinho e deu-me o quinino numa colher de chá. Horror! Não houve chá nem açúcar nem reбуçados que me valessem! Aquele pó era tão horripelmente amargo que ainda hoje o sinto na língua e nas gengivas cada vez que oiço a palavra quinino. Todas as pequenas coisas de que acima falo me pareciam então carregadas de mistério.

Mais tarde compreendi, com pena, que tudo era simples e natural: o toiro fugira da manada e o campino andava a procurá-lo; as violetas que a minha tia Castelo queria eram violetas cristalizadas, guloseima muito apreciada no princípio do século; o lobisomem era a sombra de um cipreste agitado pelo vento, que assustara uma pobre criatura boçal: só não me desiludiu nunca o bater das patas dos cavalos no chão empedrado da cocheira e o cheiro a palha fresca e a feno que passava pelas frinchas das velhas tábuas do sobrado da sala.



Também me lembro da casa da minha bisavó, em Caci-lhas, isto é, lembro-me duma casa onde havia sempre muita gente, onde não me obrigavam a beber café com leite, onde ninguém me ralhava nem me punha de castigo. O resto, os pormenores, o tempo se encarregou de mo revelar, à medida que iam crescendo, os meus irmãos e eu.

Era uma casa pombalina, cor-de-rosa. Nem pequena nem enorme, tinha janelas de sacada com grades pintadas de verde e muitos vasos de sardinheiras nas varandas. A casa de jantar e a sala, ambas muito grandes, tinham pinturas a fresco nas paredes, cenas de caça na primeira, anjinhos,

instrumentos musicais e grinaldas de flores na segunda. Os quartos, excepto o da minha bisavó e o da tia Emiliana, eram alcovas com portas de vidrinhos que davam para a sala e para a casa de jantar. O sótão, enorme, tinha um delicioso cheiro a pó e a bafo. Por uma grande escada de pedra chegávamos aos aposentos da tia Emiliana, que se compunham de sala, quarto de dormir e quarto de vestir e lavagens. O quarto de dormir tinha uma janela que dava para o Tejo, podendo ver, quando estava deitada, o vaivém das fragatas no rio.

No pátio lajeado da cozinha havia outra escada de pedra, toda enredada numa trepadeira que dava umas flores esverdeadas chamadas «martírios». A quinta que me parecia muito grande era na realidade pequena e bastante mal tratada por falta de água e por já não haver, nessa altura, hortelão nem jardineiro. Ainda assim tinha algumas árvores de fruto, pereiras e macieiras, alguns pés de uva moscatel, uma enorme amoreira e duas figueiras que davam uns figos pequenos mas muito doces. E havia ainda o mirante, a praia da Margueira e o poço onde — dizia a cozinheira Guilhermina — viviam lagartos e lacraus.

A tarde cai lentamente, o Sol começa a diluir-se no horizonte, a Ria é agora um espelho que recolhe os últimos lumes do poente, um espelho que umas vezes parece azul, outras vezes cinzento, outras de prata velha. Estou a ver a água parada, a olhar aquelas aves brancas duma brancura de cisne, que se perfilam no horizonte a tentar surpreender a ondulação dos peixes.

Estou aqui na ilha de Faro, à beira da Ria — mas que fio de Ariana me levou para bem longe, para a casa da minha infância? A doçura da tarde? O voo das gaivotas? Os reflexos dos últimos raios de Sol na água imóvel? De repente compreendi: não era o lento subir da maré que eu captava, nem o sussurro da água na areia, mas o longínquo marulhar do Tejo na pequena praia da Margueira.

Os dias aqui decorrem serenos, mas cheios de acontecimentos importantes.

Esta manhã reparei que algumas figueiras tinham já pequenos tufos de folhas tenras nas extremidades dos braços descarnados, e tanto bastou para que deixasse de acreditar nas penas eternas. Deus é infinitamente misericordioso, e Judas arrependeu-se: *Não há árvores malditas.*



Esta noite o mar rompeu os diques, desconjuntou os barcos, derrubou as barracas dos pescadores e arremessou à praia uma pequena *Cyprea* do Mediterrâneo, ainda viva, e uma gaivota do Atlântico, já morta.

O fragor do mar parece o rugido dum leão que fosse capaz de rugir a noite inteira.



Não sei se é um bem, se um mal esta corrida para o espaço, mas não posso esquecer os olhos angustiados daquela criança que me perguntou ao ver no cinema um foguetão apontado para o céu:

— Vão matar os anjos?

Sim, confesso: estou de mau humor por causa da Lua. A Lua sempre foi dos Poetas, não esse miserável planeta que os sábios inventaram, mas

*A Lua que eu amo,
Nimbada de luar,
Algo de branco, puro,
Inacessível,
Algo para cantar
quando o silêncio, a noite, a solidão
são lágrimas de sangue que o Poeta
se recusa a chorar.*

Ainda a propósito da Lua: julgamos conhecer os outros e nem sequer nos conhecemos a nós. Nunca me considerei especialmente romântica, e afinal parece que sou. Aborrece-me que os homens vão à Lua, que transportem para a Lua os seus pequenos problemas, os seus micróbios, os seus miseráveis engenhos. E mais uma vez me vêm à memória aquelas palavras dum cavador de enxada em Castelo Novo, na Beira Baixa, tinha eu quinze ou dezasseis anos:

— A menina sabe porque é que o Sol é tão bonito?

Logo a seguir, sem me dar tempo a responder:

— É porque os homens não lhe tocam!

Tenho estado a pensar que a solução seria, talvez, escolher. adoptar, promover outro planeta, ou, já agora, uma estrela. Mas não, nenhum astro me parece já suficientemente distante, definitivamente inacessível. O melhor será inventar um planeta para uso exclusivo dos Poetas, com um nome branco, suave, com ressonâncias de harpa eólia:

Luália

*da lívida brancura da magnólia,
do pálido esplendor
da camélia, da azálea.*

Ou então:

Luélia

*clara, distante,
a palidez de Ofélia.*



O céu está hoje azul como no primeiro dia da Criação.

Tudo é verde, até as piteiras, até os musgos que são cinzentos. As estevas começam a vestir-se de branco, os favais sangram as primeiras papoilas, centenas de pequenas

borboletas brancas dançam ao sol as suas vidazinhas efémeras. E, contudo, há mau tempo nos meus olhos, que estão hoje cinzentos, dum cinzento tempestuoso, opaco, mineral.



Ontem, quando me pediste notícias pelo telefone, não tive coragem de te dizer, Dina, que os últimos temporais tinham mutilado, destruído, grande parte das tuas plantas, algumas já a querer florir, como as malvas e os malmequeres. As mimosas, paciência, têm raízes vorazes, e mais dia menos dia terias de as arrancar. Mas as tuas sebes de miosporos, os teus aloendros, o teu alecrim! Não creias, porém, que tenham desistido. Não sei por que milagre alguns arbustos têm já rebentos novos. Os aloendros, que pareciam mortos, estão a reverdecer, e os malmequeres, ia jurá-lo, estão a preparar-te uma bela surpresa branca e dourada.

Quando vieres, não te esqueças de lhes agradecer na linguagem que eles entendem: água doce, terriço, alguns molhos de canas para esteio dos mais débeis. Podes estar certa de que, por sua vez, saberão agradecer-te na linguagem que tu entendes, isto é, perfumando, florindo, enfeitando o teu jardim impossível.



Quando eu andava a trabalhar numa espécie de *Diário*, uma amiga perguntou-me:

— É verdade que andas a escrever um *Diário*?

— Não é bem isso, ando a juntar recordações, a tentar fixar no papel certos momentos que não quero esquecer. Pretendo, sobretudo, evocar o melhor que puder certas figuras, certos acontecimentos, certos momentos de certas vidas que, acidentalmente ou não, se cruzaram com a minha. Ao mesmo tempo, sim, vou escrevendo as impressões do dia-a-dia que me parecerem de algum interesse, pelo menos para